

GÊNESIS 2:4 E AS NARRATIVAS DE ORIGEM

GENESIS 2:4 AND THE ORIGIN NARRATIVES

Edson M. Nunes Jr.*

Resumo: Gênesis 2:4 é um versículo curto, mas que ocupa o centro de uma discussão intensa sobre pertencimento. Alguns estudiosos o colocam como a parte final da primeira seção de Gênesis, outros como o início da segunda seção e há ainda os que o dividem em duas partes. Portanto, é preciso olhar novamente para o texto e buscar entender seu funcionamento dentro do contexto em que se encontra, justamente porque isso ajuda na melhor compreensão da narrativa maior. Assim, com ferramental da crítica da narrativa, esse artigo se propõe a compreender Gênesis 2:4 dentro do seu contexto literário imediato e dentro do livro de Gênesis e, então, concluir sobre seu pertencimento dentro das seções de Gênesis.

Palavras-chave: Bíblia Hebraica. Gênesis. Crítica da narrativa.

Abstract: Genesis 2:4 is a short verse, but it is at the center of an intense discussion about belonging. Some scholars place it as the final part of the first section of Genesis, others as the beginning of the second section, and there are even those who divide it into two parts. Therefore, it is necessary to look at the text again and seek to understand how it functions within the context in which it is found, precisely because this helps in better understanding the larger narrative. Thus, using the tools of narrative criticism, this article aims to understand Genesis 2:4 within its immediate literary context and within the book of Genesis and, then, conclude about its belonging within the sections of Genesis.

Keywords: Hebrew Bible. Genesis. Narrative criticism.

Gênesis 2:4 é um versículo curto, mas que ocupa o centro de uma discussão intensa sobre pertencimento. Alguns estudiosos o colocam como a parte final da primeira seção de Gênesis, outros como o início da segunda seção. Há um terceiro grande grupo que o divide em duas partes, uma que fecharia a primeira seção do livro de Gênesis e outra parte que abriria a segunda seção de Gênesis. A discussão é deveras interessante, já que tanto estudiosos

* Doutor em Estudos Judaicos (Universidade de São Paulo); Pós-doutorado em Bíblia Hebraica (University of California, Berkeley).
Email: <edsonnunes_jr@hotmail.com>.

diacrônicos e sincrônicos, histórico-críticos ou literários, concordam e discordam de maneira, aparentemente, aleatória.

Portanto, é preciso olhar novamente para o texto e buscar entender seu funcionamento dentro do contexto em que se encontra. A relevância disso é a possibilidade de melhor compreensão da estrutura literária do livro de Gênesis, além de expor de maneira mais didática e clara os limites interpretativos quando frente ao pragmatismo da análise textual e suas ferramentas.

Assim, partindo de uma abordagem literária sincrônica, com ferramental da crítica da narrativa, esse artigo se propõe a compreender Gênesis 2:4 dentro do seu contexto literário imediato e dentro do livro de Gênesis e, então, concluir sobre seu pertencimento dentro das seções de Gênesis.

Discussão Geral

Diversos estudiosos diacrônicos consideram que Gênesis 2:4a, ou seja, “Essas são as gerações dos céus e da terra quando foram criados”¹, pertence a primeira seção de Gênesis, enquanto Gênesis 2:4b, ou seja, “no dia em que fez, YHWH Elohim, a terra e os céus”, seria o início da segunda seção de Gênesis. Gunkel (1997, p. 103), já em 1901², trabalha a possibilidade de que 2:4a tenha sido deslocado posteriormente, pois seria o título da seção e deveria vir antes de Gn 1:1. Skinner (1910, p. 41) também segue a mesma linha, de deslocamento. Von Rad (1973, p. 63) vê o versículo dividido em dois, sem deslocamentos: “Essa é a gênese dos céus e da terra quando foram criados” (Gn 2:4a) seria o fechamento da primeira seção introduzida em Gênesis 1:1; e “quando o Senhor Deus os criou” (Gn 2:4b) seria a abertura da segunda seção, que lidaria maiormente com o jardim do Éden. Esses estudiosos enxergam Gênesis 1:1-2:4a como um texto ligado a fonte sacerdotal (P).

Coats (1983, pp. 41-47) elabora mais longamente sobre o assunto, com conclusão parecida em relação ao pertencimento de 1:1-2:4a a fonte Sacerdotal (P). Sobre a fórmula *’ēllē tōlēdôt* (אֵלֶּה תּוֹלְדוֹת), traduzida como “essas são as gerações”, ele a vê sendo usada de maneira distinta em 2:4a do que, por exemplo, em 5:1 e outros textos, onde a mesma seria o início de uma seção.³ Krüger (2011, pp. 130-138), apesar de concordar que o texto é sacerdotal (P), o

¹ Todas as traduções foram feitas pelo autor do artigo, exceto quando indicado no texto.

² Data do seu trabalho original.

³ Cf. Coats, 1983, pp. 70-71.

enxerga terminando em 2:1 e faz um interessante exercício de questionar a seção como uma unidade totalmente Sacerdotal (*P*), colocando Gênesis 2:2-3 como uma inserção posterior.

Ainda que reconhecendo que a fórmula *’ellê tôleđôt* (אֵלֶּה תּוֹלְדוֹת) é, usualmente, um título, vários autores (com abordagens sincrônicas e diacrônicas) defendem essa divisão de Gênesis 2:4 em duas partes, mas nem sempre explicitem justificativas. A lista é longa e inclui Anderson (2005, pp. 33, 58), Westermann (1994, p. 81), Rogerson (1999, pp. 63-64), Humphreys (2001, p. 31), Brueggemann (2010, p. 40), Alter (2011, p. 175), Blenkinsopp (2011, pp. 54-55), Day (2013, pp. 1-2), Rendsburg (2014, p. 13), Longman III (2016, pp. 46-47), entre outros.

De maneira peculiar, Speiser (2008, p. 19) separa 2:4a de 2:4b por considerar a primeira parte do versículo como fonte Sacerdotal (*P*). Entretanto, sua explicação para a divisão se concentra no paralelo entre 2:4b e 1:1 como cláusulas temporais, ou seja, *bērē’sīt* e *běyôm* seriam o início dos relatos. Smith (2010, p. 129-130) também considera a classificação Sacerdotal (*P*) para 2:4a, mas leva em conta o paralelismo entre a expressão “céus e terra” e o uso do verbo *br’* (ברא) em 1:1 e 2:4a. Isso faria de 2:4a um indicativo de que o que veio antes (1:1-2:3) é, na verdade, um prólogo para o que virá depois (2:4b em diante).

Autores sincrônicos, que não consideram a hipótese documentária, apontam somente o paralelismo mencionado acima como determinante para a separação de Gênesis 2:4 em duas partes. Dentre esses, Ellen van Wolde (1998, pp. 22-23), além da repetição de “céus e terra” e do verbo *br’*, aponta *tôleđôt* como uma referência temporal que estaria em paralelo com o inicial *bērē’sīt*. Assim, 2:4a seria um resumo do que foi anunciado que seria feito em 1:1. Turner (2009, pp. 16-17) e Doukhan (2016, pp. 71-73) vêem esse paralelo (*inclusio*) como determinante para considerar 2:4a uma conclusão do relato que começou em Gn 1:1. Davidson (2015, pp. 77-83, 105) corrobora essa divisão literária, mas parece ter o intuito de utilizar a fórmula como um endosso para a literalidade do relato anterior (Gn 1:1-2:3), justamente pelo uso da expressão *’ellê tôleđôt* em narrativas históricas posteriores.

Outros estabelecem que a conexão entre 2:4a com 1:1 é importante, mas como não ignoram o uso da construção *’ellê tôleđôt*, chegam a um meio termo: “Gn 2:4 não funciona apenas na estrutura da primeira unidade, também serve como um texto-ponte com a narrativa do Eden”⁴ (VERVENNE, 2001, p. 49). Habel (2011, p. 42), por exemplo, posiciona 2:4a como parte ainda da primeira narrativa, mas também o vê como uma transição para o segundo relato.

⁴ As citações estão em português no corpo do texto e em sua língua original nas notas de rodapé: “Gen 2,4 does not only function in the structure of the first unit, it also serves as a bridge-text with the narrative of Eden.”

Ele acredita que o uso da expressão se dá para incluir o relato mítico da *'ereš* de Gênesis 1 ao relato antropocêntrico de Gênesis 2 em diante.

Por outro lado, diversos autores reconhecem a expressão *'ellê tôleđôt* – “essas são as gerações” – como um marcador de título/cabeçalho, ou seja, início de nova seção.⁵ Por exemplo, Andersen (1970, p. 32) afirma que uma cláusula declarativa sem verbo (cláusula nominal) indica título/cabeçalho para o que se segue, o que é o caso em Gênesis 2:4. Waltke e O'Connor (1990, pp. 130-131, 307) acrescentam que esse tipo de cláusula identificativa, *'ellê tôleđôt*, tem o intuito de iniciar uma nova seção. Como ela aparece em outros momentos com essa característica de título/cabeçalho – precisamente onze vezes (Gn 2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10; 11:27; 25:12; 25:19; 36:1, 9;⁶ 37:2) – é considerada um organizador de seções dentro da narrativa do livro, sendo Gênesis 1:1 a única seção que não seria iniciada pela fórmula em questão.⁷

Marcadores de Abertura e Fechamentos de Seção

A abertura e o fechamento de seções literárias dependem, além de uma certa sensibilidade do estudioso do texto, dos marcadores literários que se apresentam em uma narrativa. Há uma diversidade grande de fórmulas de abertura de seção, geralmente notadas por sua repetição ao longo do texto ou por seu uso abundante em reconhecidas perícopes. Fórmulas de abertura reconhecidas são, por exemplo, “E disse Deus a Moisés”, ou “Fala aos filhos de Israel e dize-lhes”. Verbos no imperativo, vocativos e indicativos temporais (“naquele dia”, “depois dessas coisas”) também são reconhecidos como marcadores de começo de seção. Mudanças de cenário, de personagens, de estilo literário ou de gênero também são marcadores clássicos para entender a abertura ou fechamento de uma seção. A abertura de uma seção acaba sendo, muitas vezes, a junção ou acúmulo de vários desses diversos marcadores.⁸

Yairah Amit (2001, pp. 33-38) lembra que boa parte das narrativas do Pentateuco estão em sequência e, por isso, as aberturas de seção são, muitas vezes, pequenas e rápidas. Em muitos casos, segundo ela, o início das narrativas é um momento de pausa em que o narrador

⁵ Cf. Mathews (1996, pp. 183-184); Cotter (2003, p. 27); Bandstra (2008, p. 117); entre outros.

⁶ Tanto em 36:1, quanto em 36:9, a construção é a mesma: “e essas são as gerações de Esaú” (*wē'ellê tôleđôt 'ēsāw*).

⁷ Cf. Kidner (1979, pp. 55-56); Sarna (1989, p. 16); Hamilton (1990, p. 151); Sacks (1990, p. 18); Dorsey (1999, pp. 49-54); Habel (2011, p. 22); Kline (2016, p. 17); Schwartz (2016, p. 1); entre outros.

⁸ Cf. Dorsey (1999, pp. 21-22).

aborda aspectos básicos de pano de fundo para então adentrar a história que será narrada. Esses aspectos básicos de pano de fundo podem ser descrições de cenário, de tempo de ação, de situação geral, etc. São elementos que não indicam movimento da narrativa, mas uma pausa para contextualização geral. Amit (2001, p. 36) coloca da seguinte forma: “Podemos concluir que a exposição contém tipos de detalhes diferentes daqueles que aparecem no corpo da história, que descreve os acontecimentos. Enquanto os eventos são dinâmicos, a abertura é descritiva, ou seja, é estática (...)”⁹

Falando sobre fechamentos de seção, Susan Zeelander (2012) trabalha usando o paradigma *Kafaleno* como orientação geral para determinar o final de uma narrativa. No paradigma *Kafaleno* há dez funções que ocorrem em ordem invariável, mas nem todos eles aparecem em qualquer narrativa. Nesse paradigma, resumidamente, a narrativa começa em um equilíbrio para então uma ação casual desestabilizar o equilíbrio e iniciar a trama. No final, há uma transformação chave que encerra a trama e um novo equilíbrio se estabelece. O novo equilíbrio reflete um novo status quo que é estável, mas não estático.¹⁰

Entre as muitas possibilidades de fechamento de seção, podemos citar o uso de fórmulas como “e a terra ficou em paz por x anos”, repetição de palavras ou frases chave que apareceram no início e ressurgem no final, também chamado de *inclusio* ou paralelismo envelope. A repetição também pode ser de todo um refrão. Geralmente a sensação do leitor é que o assunto terminou e que houve resolução do problema inicial da narrativa.¹¹

Gênesis 2:4 como Título de Seção

Talvez dos mais importantes trabalhos sobre a expressão *’ēllē tōlēdôt* seja a publicação de Matthew A. Thomas (2011), que trata de maneira analítica e profunda o tema. Infelizmente pouco citada na literatura recente que trata de Gênesis 2:4, Thomas faz uma análise sintática, semântica e funcional de *tōlēdôt*.

Sintaticamente, a primeira coisa a se notar sobre a fórmula *tōlēdôt* é que ela é uma clausula nominal sem verbo. Uma oração sem verbo, no entanto, pode alcançar um sentido

⁹ “We may conclude that the exposition contains different kinds of details from those that appear in the body of the story, which describes events. While the events are dynamic, the opening is descriptive, meaning that it is static (...)”

¹⁰ Cf. Zeelander (2012, pp. 26-27).

¹¹ Cf. Dorsey (1999, pp. 23); Zeelander (2012).

verbal ou predicativo, mesmo sem o uso de uma forma verbal. Além disso, a fórmula *tôlêdôt* geralmente está acompanhada de um pronome demonstrativo, que acaba funcionando como um sujeito em uma oração sem verbo. Sendo assim, esse pronome demonstrativo, seguido do substantivo *tôlêdôt*, parece se referir justamente ao que virá após o substantivo *tôlêdôt*. O substantivo usado após *tôlêdôt* está em uma cadeia construída com *tôlêdôt*, ou seja, há uma definição específica para de que *tôlêdôt* se trata. No caso de Gênesis 2:4, “essas são as gerações dos céus e da terra”, o foco criado para a cadeia construída está claro: as gerações são específicas dos céus e terra.¹²

Semanticamente, o termo tem origem na raiz *yld*, que significa, resumidamente, dar à luz ou, no caso dos homens, gerar descendentes.¹³ *Tôlêdôt* é, portanto, uma forma nominal dessa raiz que aponta para o resultado dessa geração de descendência. O sentido básico do termo seria algo como gerar, ou paternidade, mas a partir dele e seu uso, houve um desenvolvimento linguístico para significar as pessoas que estão relacionadas entre si em virtude dessa geração e dessa relação paternal.¹⁴ Entretanto, Thomas (2011, p. 23) acrescenta que: “O termo, e sua fórmula correspondente, é usado em uma variedade de contextos que fizeram com que o significado básico de “descendentes biológicos” fosse estendido extensivamente.”¹⁵ De maneira constante o termo e sua fórmula são usados em contextos de genealogias, em que listas de descendentes aparecem. Nesses casos, obviamente, o significado pretendido é de hereditariedade. Mas o termo e sua fórmula também introduzem seções narrativas, como no caso de Noé, em Gênesis 6:9.

O caso mais desafiador, semanticamente falando, seria justamente o de Gênesis 2:4, já que nenhum sentido de hereditariedade está implicado, já que descendência dos “céus e da terra”, em Gênesis 2:4-25 seria o homem e a mulher. Ainda assim, a tradição rabínica trabalha com essa possibilidade. Em *Genesis Rabbah* 12.7 os rabinos elaboram uma relação entre Gênesis 2:4 com a passagem de Jó 38:28, onde é dito que a chuva e o orvalho possuem um pai e um procriador. Sendo assim, a tradição rabínica aventa a possibilidade de que homem e mulher sejam “descendentes” (não de maneira literal) dos céus e da terra.¹⁶

O uso de *tôlêdôt* mantém no texto um senso de continuidade, principalmente ao longo do livro de Gênesis. Assim, a função da fórmula é lembrar ao leitor da natureza contínua da

¹² Cf. Thomas, 2011, p. 21-22.

¹³ Suzana Chwartz (2004) faz uma análise muito interessante e completa do termo em seu livro “Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica”.

¹⁴ Cf. Thomas, 2011, p. 22-23; HALOT, p. 1699-1700.

¹⁵ “The term, and its corresponding formula, is used in a range of contexts that have caused the basic meaning of “biological offspring” to be stretched extensively.”

¹⁶ Cf. Freedman e Simon (1961).

narrativa. Ao mesmo tempo, pelo surgimento de novos nomes e novas relações, o leitor é alertado também de que algo novo está acontecendo. Basicamente, *tôlêdôt* conecta um progenitor conhecido, anterior, e uma descendência nova, desconhecida, criando uma tensão entre coesão/continuidade e mudança de tópico/descontinuidade. Em uma linguagem derivada da linguística, Thomas descreve a função de *tôlêdôt* como sendo ao mesmo tempo tema e rema. O tema é a parte que o leitor já conhece e que já foi apresentada no texto e rema seria a parte nova e derivada do tema.¹⁷ Thomas resume da seguinte forma:

Em termos de estrutura temática, o termo *toledot* introduz o ponto de partida para a declaração. O ponto de partida (tema) para esta seção do discurso será o *toledot* do progenitor nomeado. Isso está de acordo com o que já observamos – e observaremos – no uso da fórmula. O ponto de chegada (rema), então, é o material no resto do verso e o que se segue. Aqui vemos que tema e rema são semelhantes, mas definitivamente não idênticos, em seus dois usos diferentes. Por exemplo, o termo *toledot* introduz novas informações, mas de uma forma que fornece o ponto de partida para a narrativa subsequente. Assim, o termo *toledot* é tema de acordo com a estrutura temática, mas rema de acordo com a estrutura de informação. (THOMAS, 2011, p. 33)

Resumidamente, a função da fórmula *tôlêdôt* é dupla: ao se referir ao progenitor, ela conecta a seção anterior a nova seção e ao se referir a descendência, ela introduz a nova seção. Essa dupla funcionalidade torna *tôlêdôt* um excelente cabeçalho ao prover, ao mesmo tempo, continuidade e descontinuidade. Portanto, a grande questão de *tôlêdôt* não é nem definir que se trata de uma fórmula para cabeçalho em Gênesis, mas sim o tipo de seção que será introduzida após seu uso e isso é discutido na sequência do presente artigo.

Argumentos narrativos

Outros cinco motivos narrativos para entender Gênesis 2:4 como o início de uma nova seção são: 1) o relato de Gênesis 1:1-2:3 termina com o sétimo dia, que geralmente indica completude; 2) o texto de Gênesis 2:1-3 declara o fim do relato; 3) Gênesis 2:4 não apresenta um oitavo dia e nem apresenta um acréscimo a narrativa anterior no que concerne ao sétimo dia; 4) mudança no uso do nome divino, de *’ēlōhîm* para *YHWH ’ēlōhîm*; 5) mudança de

¹⁷ Cf. Thomas, 2011, p. 25-37.

personagens, humor, técnica literária e mesmo de topos.¹⁸

Dentro desse entendimento de que Gênesis 2:1-3 declara o fim do relato, temos o próprio balanço do texto com repetições incrementais¹⁹ que retomam Gênesis 1 e o início do relato. Essa repetição até pode ser considerada um paralelismo envelope em que o fim retoma o início, pelo uso de *bārā' 'ēlōhîm* em Gênesis 2:3 e Gênesis 1:1.²⁰ A última palavra de Gênesis 2:3, o verbo “fazer, criar”, está funcionando como um gerúndio (*la'asôt*) e, portanto, concluindo a narrativa anterior.²¹

Outra nuance importante é o uso do par de palavras “céus e terra” (*haššāmayim v'ēhā'āreš*) que, primeiro aparece em sua ordem tradicional²² e, no final do versículo, reaparece de maneira invertida, ou seja, “terra e céus” (*'ereš v'ēšāmayim*), formando um quiasmo. Esse quiasmo ainda inclui os verbos para “criar”.²³

A – céus e terra

B – criar (ברא)

B' – criar (עשה)

A' – terra e céus

Uma das explicações para esse paralelismo invertido (quiasmo) é justamente enfatizar o início de um novo momento na narrativa.²⁴ Umberto Cassuto (1959, p. 99) coloca de maneira direta: “Nosso versículo é, portanto, um todo orgânico e pertence inteiramente a seção do jardim do Éden.”²⁵ Assim, existe uma forte unidade literária interna em 2:4 e, pela proximidade, a conexão entre 2:4a e 2:4b é mais forte e elaborada (quiasma entre linhas) do que a inclusão (ou moldura) da ligação entre “céus e terra” com Gênesis 1:1, que já foi destacada também ocorrendo com Gênesis 2:1-3. Assim:

Parece preferível, entretanto, considerar 2:4 como cumprindo sua função usual aqui, que é como um título para as narrativas dos capítulos 2-4. Isso permite que se dê peso total a estrutura quiasmática

¹⁸ Cf. Dorsey (1999, p. 49).

¹⁹ Conceito formulado por Robert Alter (2011, p. 126) em 1981. Essas repetições incrementais seriam o uso esquemático das repetições para prover uma intensificação progressiva de uma ideia elaborada em um momento inicial.

²⁰ Cf. Alter (2011, p. 178).

²¹ Cf. Zeelander (2012, p. 45).

²² Cf. Melamed (1961, pp. 140-142); Berlin (1985, pp. 65-72); Nunes Jr. (2016, pp. 90-95); entre outros.

²³ Adaptado de Wenham, 1998, p. 46.

²⁴ Cf. Sarna (1989, pp.16-17); entre outros.

²⁵ “Our verse is, therefore, an organic whole and belongs entirely to the section of the Garden of Eden”.

do verso e o significado comum de תולדות, história.²⁶ (WENHAM, 1998, p. 49)

Além disso, *tôlêdôt* funciona consistentemente como uma introdução ao que se segue em Gênesis, tanto assim que mesmo os tradutores da Septuaginta o entenderam como um título/cabeçalho, traduzindo 2:4 da mesma maneira como traduziram Gênesis 5:1 – “Esse é o livro da genealogia...” (MCDOWELL, 2015, pp. 27-28).

A argumentação de que *’ellê tôlêdôt* em Gênesis 2:4 é diferente do restante pela presença da expressão *běyôm* (בַּיּוֹם), criando uma cláusula temporal dependente e, portanto, sem configurar o início de uma nova seção é refutada quando se analisa Gênesis 5:1 e Números 3:1 (grifos e negritos acrescentados):

אֵלֶּה תּוֹלְדוֹת הַשָּׁמַיִם וְהָאָרֶץ בְּהִבְרָאָם בַּיּוֹם עָשׂוֹת יְהוָה אֱלֹהִים אֶרֶץ וְשָׁמַיִם:

Essas são as gerações dos céus e da terra quando foram criados, no dia em que fez YHWH Deus a terra e os céus. (Gn 2:4)

זֶה סֵפֶר תּוֹלְדֵי אָדָם בַּיּוֹם בְּרָא אֱלֹהִים אָדָם בְּדִמְיוֹת אֱלֹהִים עָשָׂה אֹתוֹ:

Este é o livro das gerações de Adão. No dia em que criou Deus o homem; à semelhança de Deus o fez. (Gn 5:1)

וְאֵלֶּה תּוֹלְדֵי אֶהֱרָן וּמִלֵּשָׁה בַּיּוֹם דִּבֶּר יְהוָה אֶת־מִשְׁנֵה בְּהָר סִנַּי:

Essas são as gerações de Arão e de Moisés, no dia em que YHWH falou com Moisés no monte Sinai. (Nm 3:1)

Nos três casos há a presença de cláusula temporal dependente com o uso de *běyôm*, mas

²⁶ “It seems preferable, though, to regard 2:4 as fulfilling its usual function here, that is, as a heading to the narratives in chaps. 2-4. This allows full weight to be given to the chiasmic structure of the verse and the usual meaning of תולדות, history”.

em nenhum deles há discussão sobre ser o início de uma nova seção.²⁷ Especificamente, Números 3:1 e Gênesis 2:4 são similares em sua estrutura sintática assim como Gênesis 5:1, embora esse tenha uma variação única na fórmula.²⁸ Nesse versículo a fórmula é levemente diferente, pois ao invés de “essas são as gerações” (*’ēllē tōlēdōt*), está: “esse é o livro das gerações de Adão” (*zē sēper tōlēdōt ’ādām*).

Nota-se que no uso de *tōlēdōt* há dois tipos de sequência textual acontecendo. O primeiro é a genealogia sequencial propriamente dita, quando nomes são elencados de maneira direta, criando uma espécie de lista (5:1; 10:1; 11:10; 25:12; 36:1, 9). O segundo é uma narrativa comum, contando uma história (2:4; 6:9; 11:27; 25:19; 37:2). Assim teríamos a seguinte sequência em Gênesis:²⁹

Gn 2:4	Céus e Terra	Narrativa
Gn 5:1	Adão	Genealogia
Gn 6:9	Noé	Narrativa
Gn 10:1	Noé	Genealogia
Gn 11:10	Sem	Genealogia
Gn 11:27	Terá	Narrativa
Gn 25:12	Ismael	Genealogia
Gn 25:19	Isaque	Narrativa
Gn 36:1	Esaú	Genealogia
Gn 36:9	Esaú	Genealogia
Gn 37:2	Jacó	Narrativa

A função da fórmula, como já visto, é título/cabeçalho de seção. Entretanto, no que tange ao seu uso no início de narrativas, ela não apenas introduz uma nova seção, como também faz uma espécie de recapitulação, ligando o que vai ser narrado, ao que acabou de o ser.³⁰ DeRouchie (2013, p. 225), por exemplo, denomina a fórmula *tōlēdōt* como “título de transição”. Vê-se isso claramente nos dois primeiros usos de *tōlēdōt* em Gênesis (2:4 e 5:1-2).

Como já visto também, Gênesis 2:4 retoma, através de uma espécie de inclusão, Gênesis 1:1. Essa inclusão se dá pelo uso do par de palavras “céus e terra” (הַשָּׁמַיִם וְהָאָרֶץ) e

²⁷ Cf. McDowell, 2015, p. 28.

²⁸ Cf. Thomas, 2011, p. 65.

²⁹ Cf. Childs, 1979, pp. 145-146; Thomas, 2011, pp. 54-61.

³⁰ Cf. Mathews, 1996, pp. 33-34.

do verbo “criar” (ברא). Ao mesmo tempo, o autor avança na narrativa ao introduzir a nova seção pelo uso da própria expressão *tôlêdôt* e de um quiasmo elaborado entre o par de palavras “céus e terra” no início e terminando com a construção invertida “terra e céus”. Em Gênesis 5:1-2, apesar do início de uma nova seção com *tôlêdôt*, que se desenrola em uma genealogia, temos uma recapitulação de Gênesis 1:26-27 com a repetição de diversas palavras e expressões: “criar”, “macho e fêmea”, “imagem”. Quer dizer, em ambos os textos existe, no uso da expressão *tôlêdôt* a aparente intenção de construir uma ponte entre uma seção anterior e uma nova seção.

Conclusão

A discussão em torno de Gênesis 2:4 acontece mais a partir da tentativa de comprovar ideias metodológicas do que entender o próprio texto. Tanto o método histórico crítico e seu uso das fontes, quanto os que tentam através da expressão *tôlêdôt* confirmar a historicidade de Gênesis 1:1-2:3, perdem de vista a dinâmica narrativa que claramente apresenta o texto em questão como um título de seção que faz a transição harmônica entre os dois primeiros relatos de Gênesis. A estrutura narrativa de Gênesis 2:4 e o uso da fórmula *'ellê tôlêdôt* no início desse versículo, indicam, inequivocamente, que ele deve fazer parte de uma nova seção.

Bibliografia

ALTER, R. *The Art of Biblical Narrative*: revised and updated. New York: Basic Books, 2011.

AMIT, Yairah. *Reading Biblical Narratives*: literary criticism and the Hebrew Bible. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2001.

ANDERSEN, F. I. *The Hebrew Verbless Clause in the Pentateuch*. Nashville: Abingdon Press, 1970. [JBL Monograph Series, 14].

ANDERSON, B. W. *Creation Versus Chaos*: with a new afterword on the cosmic dimensions of the biblical creation faith. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2005.

BANDSTRA, B. *Genesis 1-11: a handbook on the Hebrew text*. Waco: Baylor University Press, 2008. [Baylor Handbook on the Hebrew Bible].

BERLIN, A. *The Dynamics of Biblical Parallelism*. Indianapolis: Indiana University Press, 1985.

BLENKINSOPP, J. *Creation, Un-Creation, Re-Creation: a discursive commentary on Genesis 1-11*. London: T&T Clark International, 2011.

BRUEGGEMANN, W. *Genesis*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2010. [Interpretation].

CASSUTO, U. *A Commentary on the Book of Genesis: from Adam to Noah*. Jerusalem: Magnes Press, 1959.

CHILDS, B. S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress Press, 1979.

CHWARTS, S. *Uma Visão da Esterilidade na Bíblia Hebraica*. São Paulo: Humanitas, 2004. [Coleção Judaica].

COATS, G. W. *Genesis: with an introduction to narrative literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983. [The Forms of the Old Testament Literature, 1].

COTTER, D. W. *Genesis*. Collegeville: The Liturgical Press, 2003. [Berit Olam: Studies in Hebrew Narrative and Poetry].

DAVIDSON, R. M. *The Biblical Account of Origins*. In: Journal of the Adventist Theological Society, v. 14, n. 1, p. 4-43. Berrien Springs: Adventist Theological Society, 2003.

_____. *The Genesis Account of Origins*. In: KLINGBEIL, G. A. The Genesis Creation Account and Its Reverberations in the Old Testament. Berrien Springs: Andrews University Press, 2015.

DAY, J. *From Creation to Babel: studies in Genesis 1-11*. New York: Bloomsbury Academic, 2013.

DEROUCHIE, J. S. *The Blessing-Commission, the Promised Offspring, and the Toledot Structure of Genesis*. In: Journal of the Evangelical Theological Society, v. 56, n. 2, 2013.

DORSEY, D. A. *The Literary Structure of the Old Testament: a commentary on Genesis-Malachi*. Grand Rapids: Baker Books, 1999.

DOUKHAN, J. B. *Genesis*. Nampa: Pacific Press; Review and Herald, 2016. [Seventh-Day Adventist International Bible Commentary, 1].

_____. *The Literary Structure of the Genesis Creation Story*. 1978. 299 f. Tese (Doutorado em Teologia). Andrews University, Berrien Springs, 1978.

FREEDMAN, H.; SIMON, M. (eds.). *Midrash Rabbah*. 3ª impressão. London: The Soncino Press, 1961. 10 v.

GUNKEL, H. *Genesis*. Macon: Mercer University Press, 1997. [Mercer Library of Biblical Studies].

HABEL, N. C. *Geophany: the Earth story in Genesis 1*. In: HABEL, N. C.; WURST, S. (eds.). The Earth Story in Genesis. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000. [The Earth Bible, 2].

_____. *The Birth, the Curse and the Greening of Earth: an ecological reading of Genesis 1-11*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press, 2011 [The Earth Bible Commentary, 1].

HAMILTON, V. P. *The Book of Genesis: chapters 1-17*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990. [The New International Commentary on the Old Testament].

HUMPHREYS, W. L. *The Character of God in the Book of Genesis: a narrative appraisal*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

KIDNER, D. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1979. [Série Cultura Bíblica, 1].

KLINE, Meredith G. *Genesis: a new commentary*. Peabody: Hendrickson Publishers, 2016.

KOEHLER, Ludwig; et al. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: E. J. Brill; 1994-2000.

KRÜGER, T. *Genesis 1:1-2:3 and the Development of the Pentateuch*. In: DOZEMAN, T. B.; SCHMID, K.; SCHWARTZ, B. J. (eds.). *The Pentateuch: international perspectives on current research*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011.

LONGMAN III, T. *Genesis*. Grand Rapids: Zondervan, 2016. [The Story of God Bible Commentary].

MATHEWS, K. A. *The New American Commentary: Genesis 1-11:26*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1996. v. 1A.

MCDOWELL, C. L. *The Image of God in the Garden of Eden: the creation of humankind in Genesis 2:5-3:24 in light of *mīs pīt pī* and *wpt-r* rituals of Mesopotamia and Ancient Egypt*. Winona Lake: Eisenbraus, 2015. [Siphut, 15].

MELAMED, E. Z. *Break-up of stereotype phrases as an artistic device in Biblical Hebrew*. In: RABIN, C. (ed.). *Scripta Hierosolymitana: studies in the Bible*. Jerusalem: The Magnes Press, 1961. v. 8.

NUNES JR., E. M. *Poesia Hebraica Bíblica: uma introdução geral*. Engenheiro Coelho: Unaspress; Terceira Margem do Rio, 2016. [Estudos em Literatura Bíblica, 2].

RAD, G. V. *Genesis: a commentary*. Philadelphia: The Westminster Press, 1973. [The Old Testament Library].

RENDSEBURG, G. A. *The Redaction of Genesis*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2014.

ROGERSON, J. W. *Genesis 1-11*. New York; London: T&T Clark, 1999. [T&T Clark Study Guides].

SACKS, R. D. *A Commentary on the Book of Genesis*. Lewiston: The Edwin Mellen Press, 1990.

SARNA, N. M. *Understanding Genesis: the heritage of Biblical Israel*. New York; Skokie: Jewish Theological Seminary; Varda Books, 1966.

_____. *Genesis*. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1989. [The JPS Torah Commentary].

SCHWARTZ, S. *Narrative Toledot Formula in Genesis: the case of Heaven and Earth, Noah, and Isaac*. In: Journal of Hebrew Scriptures, v. 16, 2016.

SKINNER, J. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. New York: Scribner, 1910. (International Critical Commentary).

SMITH, M. S. *The Priestly Vision of Genesis 1*. Minneapolis: Fortress Press, 2010.

SPEISER, E. A. *Genesis: introduction, translation, and notes*. New Haven; London: Yale University Press, 2008. [Anchor Yale Bible Commentaries, 1].

THOMAS, M. A. *These Are the Generations: identity, covenant, and the toledot formula*. New York: T&T Clark, 2011. [Library of Hebrew Bible/Old Testament Studies, n. 551].

VERVENNE, M. *Genesis 1,1-2,4. The Compositional Texture of the Priestly Overture to the Pentateuch*. In: WÉNIN, A. Studies in the Book of Genesis. Leuven: Peeters; Leuven University Press, 2001.

WALTKE, B. K.; O'CONNOR, M. *Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Winona Lake: Eisenbrauns, 1990.

WENHAM, G. J. *Word Biblical Commentary: Genesis 1-15*. Dallas: Word Books, 1998. v. 1.

WESTERMANN, C. *Genesis 1-11*. Minneapolis: Fortress Press, 1994. [A Continental Commentary].

WOLDE, Ellen van. *Facing the Earth: Primaeval History in a new perspective*. In: DAVIES, P. R.; CLINES, D. J. *Journal for the Study of the Old Testament*, v. 257, 1998.

ZEELANDER, Susan. *Closure in Biblical Narrative*. Leiden; Boston: Brill, 2012. [Biblical Interpretation Series, 111].